

ANTONIO JURACI SIQUEIRA, UM ESCRITOR PLURAL JURAMENTADO

ANTONIO JURACI SIQUEIRA, UN ÉCRIVAIN PLURIEL JURÉ

Paulo Maués Corrêa
Universidade do Estado do Pará
Belém/Pará- Brasil

Resumo

Este breve texto corresponde a minhas anotações a respeito de Antonio Juraci Siqueira, consagrado escritor paraense, autor de livros recentemente compilados nos cinco volumes das suas *Obras Reunidas*, publicados em 2023, pela Editora Pública Dalcídio Jurandir. Escrevendo poesia e narrativas, com perfil lírico e satírico também, Antonio Juraci Siqueira, em 2024, recebe o grande reconhecimento de sua obra, pois ele é um dos homenageados da Feira Pan-Amazônica do Livro e das Multivozes, promovida pela Secretaria de Estado de Cultura – SECULT.

Palavras-chave: Antonio Juraci Siqueira; Literatura; Poesia.

Resumé

Ce bref texte correspond à mes notes sur Antonio Juraci Siqueira, écrivain renommé du Pará, auteur de livres récemment compilés dans les cinq volumes de ses *Obras Reunidas*, publiés en 2023, par Editora Pública Dalcídio Jurandir. Écrivant de la poésie et des récits, avec un profil également lyrique et satirique, Antonio Juraci Siqueira, en 2024, reçoit une grande reconnaissance pour son travail, puisqu'il est l'un des lauréats de la Feira Pan-Amazônica do Livro e das Multivozes, promue par le Secrétariat d'État à la Culture – SECULT.

Mots-clés: Antonio Juraci Siqueira; Littérature; Poésie.

*Canta, trovador! Teu canto,
alvissareiro e fecundo,
é uma canção de acalanto
ninando as mágoas do mundo!*
Antônio Juraci Siqueira
(2023, v.II, p.163)

Na Literatura, há autores que estão ligados de tal maneira ao seu lugar que suas obras são expressão da cultura desse local, sem, paradoxalmente, deixar de dialogar com o mundo. No Pará, por exemplo, atualmente, o nome de Antonio Juraci Siqueira é um dos que representam esse perfil aqui delineado.

O poeta nasceu em Afuá, em 28 de outubro de 1948, e o tabelião que o registrou não acentuou seu prenome, mas o poeta tratou de resolver essa questão, colocando o circunflexo, ou melhor, o chapéu, não no nome, mas em si próprio: ele passou a ser conhecido como Boto ou Filho do Boto, pois sempre se apresenta vestido de branco, com seu inseparável chapéu, igual ao conquistador da Amazônia tão cantado por ele em suas obras, inclusive em *O Chapéu do Boto* – para aqueles que não conhecem a lenda, basta dizer que se trata de um cetáceo/golfinho que, segundo conta o povo ribeirinho da Amazônia, se transforma em lindo rapaz todo vestido de branco que vai dançar e seduzir as moças nas festas de beira de rio.

Para completar seu figurino, o poeta carrega, pendurado em seu pescoço, um muiraquitã, amuleto com o qual as Icamiabas/Amazonas presenteavam seus parceiros da tribo dos Guacaris durante a festa da lua, lenda contada em prosa por José Coutinho de Oliveira (2007, p.60-68) e em versos pelo próprio Antonio Juraci Siqueira, justamente no poema intitulado *Muiraquitã* (Siqueira, 2023, v.I, p.363-364) – no *YouTube*, postei o vídeo *Lenda das Amazonas: Icamiabas* (<https://youtu.be/OvPuY9O1mbA>).

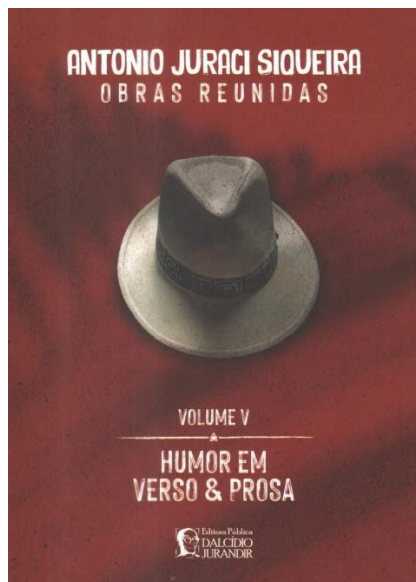
Portanto, a própria figura do poeta é representação da sua obra e, por conseguinte, da cultura do Pará e da Amazônia. Não é à toa que Joel Cardoso afirma ser “Impossível dissociar a obra do artista da imagem que há décadas criou para si” (2023, p.20). Essa conexão é evidente na sua autoapresentação, feita durante a *Entrevista com o Poeta Antonio Juraci Siqueira, o Boto da Literatura da Amazônia*, em agosto de 2020, a qual se encontra postada no meu canal no *YouTube* (<https://youtu.be/cRK8-RCXkis>):

Na verdade, eu me visualizo um caboclo mesmo, juramentado, né?, nascido nas margens do rio Cajari, onde vivi até 16 anos, e, na verdade, sem muitas ambições na vida, a não ser transmitir, enquanto escritor, esse legado do que eu vivi, do que eu vi, do que eu ouvi desse nosso Pará, dessa Amazônia, desse Brasil.

A produção do Juraci – só não cito Jura (para os mais chegados) para não abusar da informalidade que a amizade desse poeta querido me permite – é considerável e vasta, na quantidade e na variedade de perfis – quanto à qualidade, é indiscutível, sobretudo diante das centenas de prêmios literários conquistados e de muitas outras honrarias –, tanto que o classificar, pura e simplesmente, como um trovador ou cordelista, embora o cordel seja familiar, temática e formalmente (por conta dos livros artesanais fabricados por ele), acaba sendo um reducionismo.

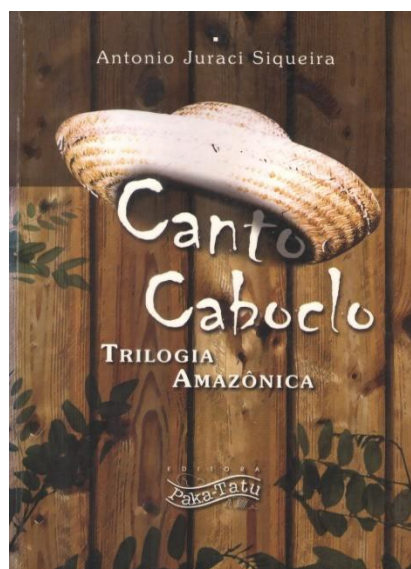
Essa pluralidade fica bem nítida na distribuição feita nas suas *Obras Reunidas*, cuja organização começou sob a responsabilidade da saudosa Professora Vânia Alvarez e foi concluída pelo Professor Joel Cardoso, com publicação pelo selo da Editora Pública Dalcídio Jurandir, vinculada à Imprensa Oficial do Estado: volume 1 – *Poesia*; volume 2 – *Poesia popular, cordel e trova*; volume 3 – *Contos, crônicas e outros escritos*; volume 4 – *Literatura Infantojuvenil*; e volume 5 – *Humor em verso & prosa*.

Logo, são cinco pontas nessa estrela da Literatura no Pará, mais do que as das trovas, que o próprio Juraci classifica no título de um livro como *Estrelas de 4 pontas*. Apropriadamente, a imagem marcante na capa de todos os livros da coleção é justamente o chapéu do poeta, variando somente a cor de cada volume:



Fonte: Acervo do auto/2024

Esse mesmo *insight* do chapéu já havia aparecido em 2008, na capa de *Canto Caboclo*, de tal forma que só posso atribuir essa “coincidência” à presença de uma pessoa em comum nos dois casos, Luciano Silva, que atuou, pela RL2, na diagramação desse livro que saiu pela Paka-Tatu e na equipe da Editora Dalcídio Jurandir, na preparação das *Obras Reunidas*:



Fonte: www.editorapakatatu.com.br

Dito isso, convido os leitores e as leitoras a me acompanhar neste passeio pela escritura de Juraci, com destaque para o que eu mais gosto nesse universo contido nas *Obras Reunidas*. Os primeiros textos de Juraci que li – se não me falha a memória – tinham sido os publicados em uma coletânea comemorativa de aniversário do *PQP*, jornal à moda do *Pasquim* que circulava em Belém nos anos de 1980 e depois, que era espaço cativo do Juraci e de nomes como Walcyr Monteiro e Ademar Amaral, por exemplo, sob a batuta do Raymundo Mário Sobral.

Alguns desses textos e o mesmo tom humorístico eu reencontrei no primeiro livro do Juraci que chegou às minhas mãos: *Versos Sacânicos – do jeito que o Diabo gosta e Nosso Senhor consente*, que depois virou uma série de três números. Esse primeiro livro tem clássicos jurácicos – brincadeira com outro livro do poeta, o *Juraci Park*, jogo que ele fez com o filme famoso, assim como já havia feito no próprio *Versos Sacânicos*, paródia, sem a perseguição do Islã [só dos “provincianos da city”, conforme depoimento de Paulo Nunes (2023, p.14-15)], do polêmico *Versos Satânicos*, de Salman Rushdie –, dentre os quais destaco: *Cu de abelha é doce mas tem ferrão*, *O pau comeu*, *O enrabador do deserto* e por aí vai.

Quem se arriscar somente na leitura de *Versos Sacânicos* pode ter a impressão de que se trata de um poeta exclusivamente satírico, mas se engana, pois Juraci, nas palavras de um saudoso amigo e considerável crítico literário, José Arthur Bogéa, “é um grande lírico” – isso ele me disse particularmente. E essa outra face do poeta aparece também embebida de certa dose de sensualismo, do qual destaco, como aperitivo, o soneto *Permutas*:

Eu quero me perder, mulher amada,
neste universo morno de teu corpo,
contigo dividir o meu alento,
permutar minha vida pela tua.

Quero conhecer-te palmo a palmo
para palmo a palmo pertencer-te.
Quero revelar-te meus segredos
e dedicar-te todo o meu carinho.

Quero acalentar-me nos teus seios,
nos teus lábios saciar os maus anseios,
murmurar no teu ouvido o meu amor

e no brando balançar de tuas cadeiras,
esquecer toda a dor toda a canseira,
e em teus braços, finalmente, adormecer.
(SIQUEIRA, 2023, v.I, p.48)

Esse discurso poético nem se aproxima do que ocorre, por exemplo, nas *Últimas palavras* dos *Versos Sacânicos 3 – o reino da enrabação*:

Não tenho culpa se alguém
não gostou deste livrinho;
eu não sou um grande cômico,
sou só um comicozinho...

Se alguém, por qualquer razão,
não gostou da minha rima,
deixo aqui uma sugestão:
tire a calça e pise em cima!
(Siqueira, 2023, v.V, p.85)

As distinções são, inclusive, formais: neste último poema, há as popularíssimas redondilhas maiores (*Não/ te/nho/ cul/pa/ se al/guém/*), dispostas em duas quadras, ao passo que, no soneto, o rigor dos decassílabos dessa forma fixa é respeitado, mesmo que parcialmente (*Eu/ que/ro/ me/ per/de/r, um/lhe/r a/ma/da,*).

Em livro recente sobre o erotismo em quatro escritores da Amazônia, os paraenses Alfredo Garcia, Daniel da Rocha Leite, Haroldo Maranhão e Maria Lúcia Medeiros, destaco a presença de três interfaces dessa produção ao longo da breve História da Literatura na Amazônia – com a História, o Erotismo e o Mito – e elenco uma série de nomes associados a cada uma dessas interfaces, dentre os quais cito Antonio Juraci Siqueira como exemplo da presença do Mito, a despeito da ocorrência do erotismo e de tópicos ligados à História em sua escritura (Corrêa, 2023, p.18).

Nesse sentido, em meu trabalho de pesquisa sobre o lendário da Amazônia, são frequentes as referências ao trabalho poético de Juraci. Um exemplo ocorre no meu livro *Cobra Grande: terror e encantamento na Amazônia* (Corrêa, 2016, p.182), em que cito o poema *Nado Mítico*, publicado no *Canto Caboclo*, livro, inclusive, revisado por mim, em 2008, mas exponho a versão presente nas *Obras Reunidas*:

Ah! Essa Boiuna eterna a enroscar-se em mim
a perturbar meu sono, meu sossego
a sufocar meus sonhos e ilusões...

Ah! Essa cobra lunar e seu olhar de fogo
seu corpo milenar de lenda e mito
recoberto de escamas e mistérios.

Ah! Essa Mboi-açu imersa entre metáforas
a se nutrir de nós, de nossa insônia
a devorar nossas recordações...

Ah! Essa serpe de breu e seu destino errante
seu gênio enganador a nos trazer nos dentes
o pomo da discórdia: o Bem e o Mal.
(Siqueira, 2023, v.I, p.194)

A citação é para mostrar o quanto a Cobra Grande é tema frequente em nossos autores. O mesmo acontece com relação ao personagem mais ligado à biografia de Juraci, o Boto, tema do extenso poema *Boto (des)encantado*, do qual eu citei, no livro *Cidade Visível: desvendando os personagens lendários da série famosa* (Corrêa, 2023, p.24), um fragmento que ilustra que todas as indumentárias com que o Boto se apresenta para seduzir as moças ribeirinhas são elementos da natureza amazônica:

Sapatos não são sapatos,
são dois negros acaris,

o cinturão de fivela
com dois rubis é uma cobra

e um pequeno caranguejo
é o que resta do relógio
de pulso do dançarino.

Imersa na preamar
do pavor, aquela gente
descobre que o tal chapéu
– véu de mistério e poder –
é, na verdade, uma arraia
a debater-se no solo
e, finalmente, que o corpo
exangue e desencantado
é de um boto tucuxi.
(Siqueira, 2023, v.I, p.159)

Esse personagem é tema de outros tantos poemas, como *Eu o Boto* (do qual a declamação pública é verdadeira performance do poeta), *Tucuxi e Boto*, e há um poema também para a fêmea, intitulado justamente *A Bôta* – a edição citada conservou o acento diferencial, resguardando na sedutora também o chapéu de seu correspondente masculino. Além desse casal, há poemas que tematizam outros tópicos do lendário: *Mãe d'Água*, *Matinta Perera*, o referido *Muiraquitã* – todos contidos no primeiro volume – e o Ataíde, controverso

e fálico protetor do mangue, do poema *A vingança do Ataíde em favor do manguezal*, do segundo volume (Siqueira, 2023, v.II, p.86).

Esse conjunto de poemas e mais outros tantos, assim como textos em prosa também, me autorizam a considerar Antonio Juraci Siqueira como um verdadeiro folclorista também ou, o que creio que seja melhor até, um mitopoeta, categoria em que poderíamos enquadrar, por exemplo, nomes como Bruno de Menezes e, com maior profusão, João de Jesus Paes Loureiro. Acreditem: essa classificação não é pura e simples estima de amigo. A propósito, amizade é coisa muito importante para o poeta, tanto que ele costuma homenagear os amigos. Para mim, quando estávamos trabalhando na revisão dos livros *Incêndios e Naufrágios: antologia poética* (2007) e *Canto Caboclo* (2008), fez uma trova que eu, por infelicidade e devido a inúmeras mudanças de endereço, perdi. Com esse perfil de poema-homenagem, ele preparou *Mensagens e Louvações* (2005), com poemas para gente querida como Verequete, Andréa Cozzi, Rui Baldez, Heliana Barriga e Ronaldo Silva (Siqueira, 2023, v.I, p.215-231).

Nesse conjunto, para a publicação das *Obras Reunidas*, creio que pudesse ser acrescentado o poema *A quem louvação merece*, com o qual Juraci homenageou o amigo Walcyr Monteiro, autor de *Visagens e Assombrações de Belém*. Esse texto poderia também ser inserido em *Cacuri e outros poemas* (Siqueira, 2023, v.I, p.353-385) – originalmente publicado em 2001, mas depois acrescido de outros inéditos ou publicados em redes sociais.

Porém essa inserção não aconteceu, a despeito de o poema ter sido postado, em 29 de maio de 2020, no *Facebook*, contendo a seguinte nota inicial: “Louvação escrita pela passagem dos seus 70 anos e agora atualizada em atenção ao primeiro ano de sua última viagem”. Com a autorização do Juraci, publiquei *A quem louvação merece* no livro *Walcyr Monteiro: o homem das visagens e assombrações*, homenagem ao nosso amigo:

Tomado pela emoção,
escrevo esta louvação
a quem louvação merece:
um caboclo que engrandece
o nome de nossa terra
em cujo labor se encerra
a voz e a alma do povo.
Confesso que me comovo
ao louvar Walcyr Monteiro,
exemplo de brasileiro
de alma pura e transparente
que labutou bravamente
pela glória deste chão.
E assim, nesta ocasião,
em nome de outros sumanos,
eu louvo, aqui deste plano,

esse ilustre paraoara,
irmão do Boto, da Uiara,
do Ataíde, do Saci,
Matinta, Mapinguari
e outras tantas personagens!...
Louvado seja “Visagens
e Assombrações de Belém”!
Seja louvado, também,
o nosso Pará paidégua
que nos dá compasso e régua
nas lutas do dia a dia!
Salve o Poeta e a Poesia,
o Conto, a Trova e Cordel!
Salve os santos lá no céu,
salve nós aqui na Terra!
Louvado seja o que encerra
o amor e as forças do além!
E agora, dizer convém
às almas do mundo inteiro,
nesta breve louvação:
paz na Sagrada Mansão
ao grande Walcyr Monteiro
para todo o sempre. Amém!
(apud Corrêa, 2023, p.95-96)

Juraci e Walcyr eram muito amigos, e illustrei isso em meu livro não só com o poema, mas com esta fotografia, também cedida pelo poeta, tirada em sua terra natal, Afuá, os dois de bicitáxi, meio de transporte característico daquele município paraense:



Fonte: Acervo do autor/2018

Para finalizar este breve passeio, gostaria de fazer alguns comentários a respeito de outra face importante da obra de Juraci, como autor de literatura infantojuvenil. Dentre todos os livros dele com esse perfil, tenho uma especial afeição pelo *Paca, Tatu, Cutia não!*, publicado em 2008, premiado no Edital de Literatura Infanto-Juvenil Imagina Só!, promovido pela Secretaria de Estado de Cultura – SECULT.

A partir de minha prática docente na formação de leitores, diria, sem medo de errar, que essa obra é uma das mais interessantes para chamar a atenção de jovens leitores, perfil que eu aprofundei com meu exercício de musicalização dos poemas e que constitui parte do que é o repertório do meu Projeto Lira de Orfeu (só com poemas musicados por mim), do qual é possível conhecer bastante no *YouTube*, mas indico aqui, a título de amostra, contida no canal @PauloMauesCorrea, o poema *Coruja*, tocado com a participação de dois alunos meus, Darllan Matos e Mauro Torres: *Lira de Orfeu: Coruja, de Antonio Juraci Siqueira – poesia musicada / Colégio Augusto Meira* (https://studio.youtube.com/video/uk_pB07_moc/edit).

Em *Paca, Tatu, Cutia não!*, há um conjunto de poemas sobre os animais da Amazônia, numa postura não só lúdica, mas também de combate a preconceitos ligados a esses bichos, postura que desperta não somente uma consciência diferente no leitor, mas, também, a curiosidade, por fugir do lugar comum, ativando o que chamo de “Complexo de Pandora” (Corrêa, 2016, p.28), aspecto que pode ser ilustrado pela seguinte assertiva de Daniel da Rocha Leite: “Antonio Juraci Siqueira sabe que para um livro infantil cativar a atenção de uma criança é necessário, antes de qualquer uso e destino pedagógico, despertar a curiosidade de um leitor em construção” (2023, p.14).

Para uma melhor ilustração das minhas observações, a título de exemplo, destaco justamente o já referido poema *Coruja*:

Com um par de olhos enormes
Que a todos chama atenção,
A coruja não diz nada
Mas como presta atenção!

Por isso, na antiguidade
Ganhou fama e, hoje em dia,
Sua imagem representa
Nossa vã filosofia.

Mas não a tema, amiguinho,
Ela é mansinha, asseguro;
Só possui os olhos grandes
Para ver melhor no escuro.
(Siqueira, 2023, v.IV, p.86)

Essa pequena pérola se opõe à visão até tradicional, na Amazônia, da coruja como um animal de mau agouro, a famosa rasga-mortalha, sendo destacada a sua virtude de ser o símbolo da Filosofia – dado nada gratuito, pois Juraci é formado em Filosofia, área na qual atua como professor da rede estadual de ensino do Pará. Quanto às características físicas da coruja, os “olhos grandes”, se justificam pela necessidade de melhor visualização no escuro. Essa mesma postura pode ser constatada em *Urubu*:

Eu passo o dia
no céu planando
só na mutuca
urubusservando...

E quando avisto
carne estragada,
eu limpo tudo
sem cobrar nada.

E em recompensa
por minha ação,
recebo em troca
só ingratidão!...
(Siqueira, 2023, v.IV, p.94)

Maravilhoso e lúdico o neologismo “urubusservando” – junção de “urubu” com o verbo “observar” –, verso em redondilha menor (*u/ru/bu/sser/van/do*), sendo que os demais têm quatro sílabas (por exemplo, *Eu/ pa/sso o/ di/a*) – se bem que o último pode ser lido, forçando um pouco a barra, com quatro (*só in/gra/ti/dão!/...*) ou, de modo mais confortável, com cinco sílabas (*só/ in/gra/ti/dão!/...*).

Também é marcante o paraensismo “na mutuca” – na espreita. Porém o principal mesmo é o registro da importância do urubu para manter a cidade limpa, quando muita gente o vê como representante da sujeira – eis mais uma postura de combate ao preconceito de que é vítima nosso amigo que já é morador tradicional da cidade, tanto que o naturalista Alfred Russel Wallace, quando chegou ao Grão-Pará, em 1848, descreveu, sobre o Ver-o-Peso: “Urubus voavam lá no alto, ou, então, indolentemente, caminhavam na praia” (2004, p.36).

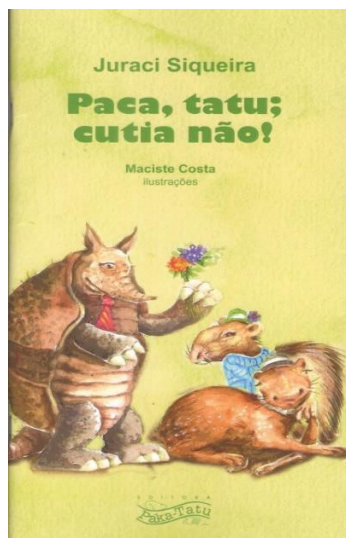
Outro poema interessante, *Socó só*, é um verdadeiro desafio sonoro:

Um só socó coçador
pra de 1000 socós cuidar?
É muito socó, doutor,
para um socó só coçar!
(Siqueira, 2023, v.IV, p.92)

Literatura para jovens leitores tem que jogar com as palavras mesmo, com significados e sons. Nesse sentido, *Socó só* é um verdadeiro trava-língua, a respeito do qual fiz, com a participação de meu filho Selton, um vídeo que postei no YouTube: *Trava-língua: poema “Socó”, de Antônio Juraci Siqueira (proposta de atividade)* (<https://youtu.be/3W0BHM2JYvM>).

Esses três poemas são uma pequena ilustração do quanto o livro *Paca, Tatu, Cutia não!* é rico em possibilidades para encantar os leitores – de todas as idades. Meu amigo Juraci, sabendo de minha paixão por esse livro, me deu a honra de lançar a terceira edição (que saiu pela Editora Paka-Tatu, ilustrado pelo nosso amigo Maciste Costa), em meu canal no

YouTube, contando com a participação da amiga Sylvia Calandrini: *Lançamento de livro: “Paca, Tatu; Cutia não!”*, de Antonio Juraci Siqueira (02/10/21) (<https://youtube.com/live/Sw9fYT0oOlg>). Segue a imagem da capa dessa edição da Paka-Tatu (muito oportuna essa conexão entre o nome do livro e o da editora):



Fonte: Acervo do autor/2024

Essa variedade que caracteriza a obra do Juraci multiplica as possibilidades de alcance de um público também muito diversificado, como bem notado por Josebel Akel Fares: “Antonio Juraci tem uma obra que abarca e abraça infinidade de leitores, nas praças, nas escolas, nas universidades, pessoas que se imiscuem no universo poético de temas, formas, gêneros diversos, em que a Amazônia flameja” (2023, p.24).

* * *

Estas são minhas considerações sobre a obra do homem que dá seus corações (de papel, contendo sempre uma trova) a quem ele encontra em seu caminho. “Se alguém, por qualquer razão, / não gostou da minha rima, / deixo aqui uma sugestão:”... leia os livros de Antonio Juraci Siqueira e você encontrará um universo rico em possibilidades, de deleite e de estudo, pois esse é o efeito provocado pelos grandes escritores, como é o caso dele, um dos homenageados da Feira Pan-Amazônica do Livro e das Multivozes de 2024, homenagem mais do que merecida!...

Afinal, trata-se de um caboclo e escritor plural e, para aproveitar a expressão com que ele se autodefiniu no início deste texto, “JURamentado”... Sigamos “na mutuca”, “urubusservando”, não a carniça, como faz o urubu do poema, mas, para lembrar o par referido por Roland Barthes, o saber/sabor (1992, p.21) de qualidade, como as obras já publicadas e as que ainda virão, pois o poeta não para de escrever e publicar, nos presenteando, como bom açougueiro (profissão que ele exerceu), com cortes muito finos de “carne” de primeira qualidade, alimento para a alma de leitores e leitoras de todas as idades.

Referências

- CARDOSO, Joel. O universo poético de Antonio Juraci Siqueira. In: SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras Reunidas*. Belém: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023. Vol. I, p.12-25.
- CORRÊA, Paulo Maués. *Mito e Educação: Mitologia Grega na sala de aula*. Belém: Paka-Tatu, 2016. (Prêmio Carlos Nascimento – Ensaio/2015, da Academia Paraense de Letras)
- CORRÊA, Paulo Maués. *Cobra Grande: terror e encantamento na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2016. (Coleção Lendas Amazônicas; 1)
- CORRÊA, Paulo Maués. *Anhanga, Curupira e Mapinguari: protetores na natureza*. Belém: Paka-Tatu, 2021. (Coleção Lendas Amazônicas; 2)
- CORRÊA, Paulo Maués. *Walcyr Monteiro: o homem das visagens e assombrações*. Belém: Paka-Tatu, 2022.
- CORRÊA, Paulo Maués. *Quarteto de Eros: o erotismo em quatro autores da Amazônia – Alfredo Garcia, Daniel da Rocha Leite, Haroldo Maranhão, Maria Lúcia Medeiros*. Belém: Sapucaia Pockets, 2023.
- FARES, Josebel Akel. Antonio Juraci Siqueira, o poeta canoeiro. In: SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras Reunidas*. Belém: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023. Vol. II, p.10-25.
- LEITE, Daniel da Rocha. Sobre as águas de um menino que queria ser canoeiro. In: SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras Reunidas*. Belém: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023. Vol. IV, p.10-15.
- NUNES, Paulo. Antonio Juraci Siqueira: tradição ressignificada de um poeta “marajoara antifascista”. In: SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras Reunidas*. Belém: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023. Vol. V, p.10-19.
- OLIVEIRA, José Coutinho de. *Imaginário Amazônico*. Belém: Paka-Tatu, 2007.
- SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Incêndios e Naufrágios: antologia poética*. Belém: Paka-Tatu, 2007.
- SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Paca, Tatu, Cutia não!*. Belém: Secult, 2008. (Prêmio do Edital de Literatura Infanto-Juvenil Imagina Só!)
- SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Canto Caboclo*. Belém: Paka-Tatu, 2008.
- SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras Reunidas*. Belém: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023. 5 v.
- WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. (Edições do Senado Federal; v.17)

Sobre o autor

Paulo Maués Corrêa

Professor da E.E.E.M. Augusto Meira, pertencente à Rede Estadual de Ensino – SEDU-PA. Licenciado em Letras (UFPA/2001), Especialista em Literatura e suas interfaces (UEPA/2004), Mestre e Doutor em Estudos Literários (UFPA/2006 e 2020). Membro dos Grupos de Pesquisa Makunáima: literatura, arte, cultura, história e sociedade na Amazônia, Brasil e América Latina (CNPq/UFPA) e Culturas e Memórias Amazônicas – CUMA (CNPq/UEPA). Autor de estudos sobre Literatura e Cultura da Amazônia. Produtor de conteúdo para o *YouTube* (@PauloMauesCorrea).

E-mail: paulomauescorrea@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8692-624X>

Recebido: 30/04/2024

Aprovado: 28/05/2024